
A centralidade da comunicação no mundo do trabalho dos carregadores da Ceagesp¹

Jamir KINOSHITA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O artigo traz as impressões iniciais de levantamento promovido junto aos carregadores que trabalham no Entrepasto Terminal São Paulo (ETSP) da Ceagesp. Por meio de pesquisa exploratória, em que realizamos observação de campo a partir do segundo semestre de 2017, procuramos compreender o papel da comunicação no mundo do trabalho desses profissionais. As conceituações epistemológicas que utilizamos para fundamentar nossa investigação, centrada no âmbito das Ciências Sociais, perpassam elementos que dizem respeito ao cotidiano dos trabalhadores, como a definição atual de mundo do trabalho pela óptica marxista, a análise de discurso e da atividade linguageira, a abordagem ergológica e o conceito de mediações.

Palavras-chave: carregadores; Ceagesp; comunicação; mundo do trabalho; pesquisa exploratória.

Introdução

Não interessa se é de manhã, à tarde, à noite ou tampouco de madrugada – o fato é que a qualquer momento é possível deparar com esses homens. E, no caso, as mulheres não têm vez nesse meio, eminentemente masculino, cuja atividade primordial consiste em um incessante leva-e-traz, todos os dias, em uma área de 700 mil m². Essa breve descrição, que até pode ser considerada sexista, encontra respaldo na atividade profissional que detalharemos logo adiante, além de se referir ao nosso objeto de estudo, representado pelos carregadores que trabalham no Entrepasto Terminal São Paulo (ETSP). Por sinal, são justamente as impressões parciais da pesquisa, em estágio final de elaboração, que iremos apresentar no corrente artigo.

Antes de mais nada, convém contextualizar o cenário da investigação em curso. Maior central de abastecimento de frutas, legumes, verduras, flores, pescados e diversos (alho, batata, cebola, coco seco e ovos) da América Latina, o ETSP é mais conhecido,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da ECA-USP, e-mail: kinoshita.jamir@gmail.com.

erroneamente, pelo nome da instituição a qual pertence: a Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp)³, empresa federal atrelada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Situado na Vila Leopoldina, na zona oeste da capital paulista, o ETSP recebe uma média diária de 50 mil pessoas e 12 mil veículos. Além de ser o endereço em que fica a sede administrativa da Ceagesp, é também, como acabamos de mencionar, o local em que circulam 3.500 carregadores⁴, cuja força de trabalho é gerida de maneira autônoma, já que a contratação de cada um deles é tratada diretamente por permissionários ou compradores e o pagamento realizado no ato, em dinheiro, assim que finalizado o serviço.

Fotografia 1 – Pavilhão Mercado Livre do Produtor (MLP) do ETSP



Fonte: Arquivo Codco/Ceagesp

Vale destacar que norma interna da companhia federal estabelece que esses trabalhadores são os responsáveis pelas operações de carga, descarga e movimentação de mercadorias nas áreas internas de todas as 13 unidades de entrepostagem espalhadas pelo

³ A Ceagesp surgiu em maio de 1969, a partir da fusão do Centro Estadual de Abastecimento S/A (Ceasa) com a Companhia de Armazéns Gerais de São Paulo (Cagesp). Ela atua em duas atividades: a armazenagem e a entrepostagem (depósito ou venda de mercadorias). Tem a maior rede pública de armazéns, silos (grandes depósitos, em forma de cilindro, para guardar produtos agrícolas) e graneleiros (locais que recebem ou abrigam mercadorias a granel) do Estado de São Paulo, com 18 unidades próprias. Em relação à entrepostagem, conta com 13 centrais atacadistas, que funcionam como ponto de encontro de produtores e comerciantes, sendo a maior delas o ETSP.

⁴ Dados do Departamento de Entrepósito da Capital (Depec), que responde pelo gerenciamento do ETSP.

Estado de São Paulo. Portanto, a regra vale para a central paulistana, foco de nossa observação, onde eles transportam, diariamente, 12 mil toneladas de produtos.

A maioria dos profissionais é vinculada ao Sindicato dos Carregadores Autônomos em Centrais de Abastecimento do Estado de São Paulo (Sindicar). A filiação lhes dá direito a credencial e uniforme (avental azul escuro ou cinza) com as logomarcas da entidade classista e da Ceagesp.⁵ No ETSP, o sindicato tem um imenso galpão onde fica guardado o principal instrumento de trabalho da categoria. Trata-se dos carrinhos de madeira, identificados pela cor cinza e por numeração própria, com capacidade para suportar até 300 quilos de carga.⁶

Reconhecimento institucional

Nesse ambiente, os carregadores, que “(...) formam um verdadeiro exército de formigas (...)”⁷, desempenham um papel fundamental que extrapola a árdua atividade braçal. Com um modo todo peculiar de trabalhar e de se relacionar com as pessoas, que identificamos nas observações iniciais de campo⁸, eles mantêm interlocução com os mais variados públicos que transitam pelo entreposto da capital paulista.

Pelo levantamento realizado, verificamos que a comunicação é um elemento central e constitutivo desse mundo do trabalho. Tal compleição garante a esses trabalhadores um certo reconhecimento (que poderia ser mais efetivo) nas mediações estabelecidas. Como exemplos, podemos mencionar a intermediação promovida na negociação comercial das mercadorias entre permissionários e compradores e a participação nas discussões sobre a inevitável mudança de endereço do ETSP.⁹

⁵ Há carregadores que não são autônomos, mas sim funcionários exclusivos de determinados permissionários. Para se diferenciarem dos profissionais convencionais que atuam no ETSP, eles utilizam carrinhos de cor amarela, que levam o nome da empresa do permissionário. Além disso, não precisam usar nenhum uniforme específico, ao contrário dos que são vinculados ao Sindicar.

⁶ Informações obtidas diretamente com a direção do Sindicar, em conversa inicial ocorrida em março de 2017, quando da apresentação da pesquisa para ciência e aprovação da entidade.

⁷ CEAGESP. **Ceagesp presta homenagem aos carregadores**. Disponível em www.ceagesp.gov.br. Acesso em 28/6/2018.

⁸ As observações de campo fazem parte da pesquisa exploratória iniciada no segundo semestre de 2017, com idas periódicas ao ETSP. Observamos e anotamos em caderno específico, além de registrar com imagens, a atividade dos carregadores na Feira de Flores, no Pátio do Pescado e no transporte diurno de frutas, verduras e legumes.

⁹ A inevitabilidade se dá por problemas na infraestrutura do ETSP. A alta movimentação diária ocasiona frequentes congestionamentos no tráfego interno e externo, especialmente às segundas e sextas-feiras. Mais de 2.800 permissionários comercializam variados produtos, vindos de 1.500 municípios de 22 estados brasileiros e de outros 19 países – movimentação média de 280 mil toneladas por mês. Criado nos anos 1960, o local padece com o tamanho dos

A dimensão social ocupada por esses profissionais pode ser medida por uma das primeiras iniciativas adotada por todos os presidentes nomeados¹⁰ na Ceagesp: a visita à sede do Sindicar, que fica dentro do galpão onde são guardados os carrinhos, para conhecer *in loco* a entidade. Aliás, o sindicato promove almoço de confraternização mensal, no próprio espaço, com iguarias típicas do Piauí¹¹, que incluem buchada, baião de dois e galinhada. Nesses encontros, meramente comensais, os principais gestores da empresa são convidados e, até o momento, não há registro algum de ausência.

Outro episódio que demonstra a força da categoria foi a criação, em 2017, do Dia do Carregador, a ser celebrado anualmente em 30 de julho. A proposta, aprovada na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, transformou-se na lei estadual 16.552/2017¹². Prosseguindo na esfera política, destaca-se também o caso de carregadores que disputaram eleições e se tornaram vereadores, exercendo, atualmente, mandato parlamentar na Câmara Municipal de Osasco, na Grande São Paulo¹³.

A pesquisa: exploratória e observadora

A investigação a que nos propusemos surgiu da observação prática do pesquisador, que trabalhou na Coordenadoria de Comunicação e Marketing (Codco) da Ceagesp entre janeiro de 2015 e abril de 2016 – período em que acompanhou diretamente o cotidiano de trabalho dos carregadores, verificando a sua complexidade e, principalmente, a possível aderência a um estudo desses profissionais que viesse a ser efetuado no campo da comunicação, mais especificamente na imbricação dessa área de conhecimento com o mundo do trabalho.

caminhões atuais, já que as ruas dentro do entreposto foram projetadas para a realidade da época. A forma como a área construída (271 mil m²) se encontra não permite reforma estrutural alguma para melhorar a circulação de veículos.

¹⁰ O cargo é de livre provimento e a contratação segue os princípios da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

¹¹ Segundo o Sindicar, cerca de 70% dos carregadores vinculados à entidade são do Piauí. A representatividade está relacionada diretamente ao fundador do sindicato. Natural de Pio IX, o piauiense José Pinheiro de Souza incentivou (e continua incentivando) a vinda de conterrâneos desde que conseguiu consolidar a categoria e criar, em 1990, o Sindicar, onde é presidente ininterruptamente até hoje. Seu Zé Pinheiro, como é mais conhecido, chegou a São Paulo em 1975 para trabalhar no ETSP como carregador no setor de cebola.

¹² Conforme publicação na edição do dia 18 de outubro de 2017, seção 1, página 1, do Diário Oficial do Estado de São Paulo.

¹³ Informação contida em entrevista, realizada em 7 de abril de 2017, com um dos diretores do Sindicar, devidamente gravada pelo pesquisador. De acordo com o representante sindical, a atuação política em Osasco acontece pelo fato de que grande parcela dos carregadores residirem nesse município, que se situa próximo ao ETSP.

O fato de termos mantido contato prévio com o objeto de estudo tornou-se condição determinante para que optássemos por não nos identificar como alguém que já tivesse um conhecimento prévio do ofício dos carregadores junto aos potenciais interlocutores da pesquisa. O cuidado consistiu em evitar a recorrência a dados e visões já pré-concebidos, que pudessem conferir uma pretensa (e talvez falsa) autenticidade aos fatos que viessem a ser levantados pelo investigador.

A decisão não implicou na obrigatoriedade de refutar noções adquiridas na prática em favor de uma imersão no trabalho científico. Afinal, “(...) a prática não necessariamente precisa estar dissociada da teoria, ou seja, teoria e prática podem andar juntas servindo como complemento uma da outra (ISER, 2006, p.193).” No estudo, representou um zelo maior, como aponta Bourdieu (1998), para deixar, ao máximo possível, invisível a figura do investigador enquanto intervenção viciada de uma suposta observação científica.

Desse modo, não expusemos que havíamos atuado anteriormente na Ceagesp nas interlocuções feitas com o Sindicato dos Permissionários em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado de São Paulo (Sincaesp) e o Departamento de Entrepósito da Capital (Depec), que é a fonte oficial da companhia federal. As únicas exceções foram o Sindicar, de quem buscamos e obtivemos concordância para a pesquisa, e a Codco, que já conhecia o pesquisador e para quem solicitamos autorização de acesso aos espaços observados. Nas últimas visitas que promovemos, passamos a pedir permissão formal também ao Depec, para tornar oficiais a produção de imagens nas dependências do ETSP.

Sendo assim, cumpre registrar que o ponto efetivo de partida do estudo surgiu após entrevista realizada com um dos diretores do Sindicar¹⁴, cuja finalidade foi justamente levantar informações que pudessem nos indicar o caminho a ser trilhado para uma investigação de campo exequível. O resultado se mostrou muito satisfatório a ponto de, a partir dessa conversa, aliada ao conhecimento prévio sobre os carregadores adquirido quando da nossa passagem pela Codco, optamos por uma observação da atividade desenvolvida por esses trabalhadores, levando-se em consideração os tipos de mercadorias que eles transportam na central paulistana: flores e pescado (de madrugada) e frutas e hortaliças (período diurno).

¹⁴ Entrevista gravada com o secretário geral do Sindicar, Antonio Josafá da Silva, em 7 de abril de 2017, na sede do próprio sindicato.

(...) a observação, enquanto procedimento de pesquisa qualitativa, implica a atividade de um pesquisador que observa pessoalmente e de maneira prolongada situações e comportamentos pelos quais se interessa, sem reduzir-se a conhecê-los somente por meio das categorias utilizadas por aqueles que vivem essas situações. (...) uma observação não-dirigida, na medida em que a observação da realidade continua sendo o objetivo final e, habitualmente, o pesquisador não intervém na situação observada (POUPART et al, 2008, p. 255).

Posto isso, procedemos no segundo semestre de 2017 à observação de campo propriamente dita, a qual foi intensificada entre janeiro e março de 2018. Escolhemos como focos de pesquisa a Feira de Flores e o Pátio do Pescado. Em todas as ocasiões, conforme já elencado, registramos, discretamente, imagens que demonstram o cotidiano do trabalho. Procuramos também ouvir, de forma indireta, os comentários dos profissionais acerca de sua própria atividade.

Fotografia 2 - Carregadores aguardam início da Feira de Flores



Fonte: Jamir Kinoshita (2017)

Fotografia 3 - Há maneira específica para carregar flores e plantas



Fonte: Jamir Kinoshita (2017)

Em todas as visitas, pudemos constatar, na prática, que há uma maneira peculiar empregada pelo carregador para transportar, de modo adequado e seguro, os produtos pelo entreposto. Tal “técnica”, que normalmente é utilizada sem a devida percepção dele, pode inclusive ser um diferencial na hora de se contratar o serviço de determinado trabalhador, e não de outro.

Na Feira de Flores atuam os profissionais mais idosos, que têm maior delicadeza para lidar com esse tipo de mercadoria. Além disso, o peso movimentado costuma ser bem menor em comparação à locomoção de outros itens. Em comparação ao pescado, o carregamento demanda cuidado extremo, uma vez que os peixes e os frutos do mar são levados em grandes quantidades e em enormes vasilhas de plástico ou de isopor abertas e cobertas com gelo.

Fotografia 4 - Carregador aguarda começo da feira no Pátio do Pescado



Fonte: Jamir Kinoshita (2018)

Fotografia 5 - É preciso força para transportar pescado nos carrinhos



Fonte: Jamir Kinoshita (2018)

Decidimos não incluir na observação os trabalhadores dos setores de legumes, verduras e frutas. A opção foi consequência direta de visita ao ETSP, que fizemos para acompanhar essa atividade específica. Como a operação de compra e venda desses produtos ocorre no período diurno, quando o fluxo de pessoas e veículos é mais intenso do que de madrugada, constatamos a dificuldade para seguir a pé tais carregadores pela central paulistana, diante da falta de segurança no deslocamento, inclusive para registrar com imagens essa dinâmica de trabalho.

Anteriormente à fase de observação de campo, mantivemos contato com o Sincaesp e o Depec para obtermos dados empíricos e entrevistas. As duas instâncias se recusaram a participar do estudo. Essa situação, atrelada à desconfiança de ficarmos restritos exclusivamente à visão dos diretores do Sindicar, endossaram ainda mais a importância da investigação de campo como um aparato metodológico para a adoção, efetiva, de uma pesquisa exploratória.

(...) a pesquisa exploratória é um movimento fundamental. A aproximação empírica ao fenômeno estudado permite divisar especificidades do que se investiga, o que traz desdobramentos em termos do refinamento/redefinição do problema, de tensionamento das proposições teóricas e de sua delicada construção para a especificidade do problema investigado. Esse procedimento também possibilita gerar elementos para embasar as opções referentes à amostragem da pesquisa e à definição por procedimentos de coleta de dados (BONIN, 2006, p. 28).

Cabe apontar que tendo como referencial a observação *in loco* do ofício cotidiano dos carregadores é que conseguimos estabelecer critérios que pudessem levar adiante a pesquisa, de onde trazemos as análises preliminares desse artigo. A opção acertada (e justificada) por esse método serviu, com enlevo decisório, para sistematizar e (re)ordenar nossos passos até a fase em que nos situamos, cujos espectros indicaremos a seguir.

Imbricações entre comunicação e trabalho

A opção por estudar a relação entre a comunicação e o mundo do trabalho se fundamenta na lógica de uma ontologia do ser social. Em se tratando dos carregadores, representa até mesmo a possibilidade de avaliar a possível influência gerada por tal intersecção na formação identitária e social dos trabalhadores.

Por isso mesmo é que colocamos foco específico nas pessoas que fazem parte dessa esfera do trabalho, em que as mediações assumem um papel considerável e,

porventura, constitutivo para a compreensão do mundo por materializarem, conforme mostra Figaro (2001), as experiências vividas no cotidiano.

(...) as pesquisas sobre comunicação e trabalho têm demonstrado como a comunicação contribui para destacar a centralidade da categoria trabalho na sociedade contemporânea. A maior proximidade entre comunicação e trabalho tem sido motivada, sobretudo, pelas mudanças produzidas pela introdução de novas tecnologias de informação e pela incorporação dos processos comunicativos na gestão de recursos humanos envolvidos na reestruturação produtiva (FIGARO, 2009a, p. 1).

Face a isso é que se deve colocar, sempre em primeiro plano, o indivíduo que trabalha, e não o homem como coadjuvante dessa atividade. Convém, ainda, compreender que trabalho é esse gerado nos dias atuais e para qual tipo de perfil humano. Para Braverman (1981), a atividade laboral é regulada pelo pensamento conceitual, sendo uma propriedade inalienável do indivíduo. Desse modo, o que antes era uma alienação dos processos de produção do trabalhador passa agora a ser tratado, pela lógica capitalista, como uma questão de procedimentos gerenciais. Por sinal, é o que Antunes (2001) denomina de sistema de metabolismo social do capital, que é o resultado da divisão que subjugou o trabalho ao capital.

Voltando nosso olhar aos carregadores, temos procurado verificar que atividade é essa constituída no ETSP, qual é o seu valor e quem é o sujeito que se forma a partir dessa relação de trabalho. Segundo Marx e Engels (2007), a realidade deve ser entendida pela divisão histórica do trabalho e do desenvolvimento das forças produtivas, o que transforma o trabalho em mercadoria, atribuindo-lhe um valor de uso. As mudanças na divisão do trabalho geram a diminuição do “(...) trabalhador industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado (ANTUNES, 2001, p. 104)” e a multiplicação do trabalho precarizado, resultado direto do desemprego estrutural e da crise do capital.

As novas configurações do trabalho são desafiadoras para verificarmos como são gerados o valor do trabalho e a expropriação da mais-valia pelo capital. O trabalho não remunerado tem impacto no trabalho remunerado e ambos estão envolvidos, cada vez mais, em um sistema complexo de geração de valor. Entender o mundo do trabalho significa depreender as mudanças sociais, ainda mais diante do *modus operandi* capitalista que busca ocultar a luta de classes e continuar com a (re)produção de uma

sociedade com cada vez menos sentido. Eis a atualidade do viés marxista na atividade dos carregadores, em que a prática profissional lhes permite se inserirem como sujeitos.

Ele é um ser que se faz no dia a dia, no trabalho que realiza, que prova e mostra ser capaz de construir. Não no sentido redutor da prática, desconectada e alienante. Mas, no sentido da práxis, ou seja, a partir de sua atividade concreta diária a realidade se abre para ele. Ele age sobre ela, numa relação mútua de construção e conhecimento. O conhecimento está, portanto, diretamente vinculado ao operar, ao fazer (FIGARO, 2001, p. 177).

A conceituação ergológica no trabalho

Daí a relevância de trazermos à discussão a abordagem ergológica, que mostra que a atividade de trabalho é renormalizadora dos atores sociais e do meio de trabalho. As prescrições, em qualquer atividade, são essenciais para o desenvolvimento do trabalho, mas elas não podem ser um fim em si mesmas. A ergologia considera que toda atividade sempre comporta aspectos pessoal, criador, inédito e transformador do mundo.

A percepção ergológica é relevante para se alterar o ponto de vista do trabalho, que não pode estar centrado apenas na mera adaptação do homem às condições que lhe são impostas. É necessária uma interpretação mais geral das situações de trabalho, focando a discussão na atividade de quem trabalha (SCHWARTZ & DURRIVE, 2008), dando-lhe vez e voz, já que o debate das normas parte da análise das situações concretas de trabalho para confrontá-las com a prescrição e buscar soluções negociadas.

Tem-se, então, que o trabalho real é o resultado das renormatizações, e não da mera aplicação e execução das normas. Essa situação fica muito evidente no ETSP em que, para cada setor de comercialização, os carregadores dispõem de maneiras específicas para lidar com as mercadorias que são transportadas. Ou seja, não basta somente muita força física; é preciso também habilidade e agilidade para levar quantidades pesadas de produtos.

Os discursos dos carregadores

Martín-Barbero (2004) propõe entender a contemporaneidade pelos sentidos das transformações que temos enfrentado. Essa postura corrobora repensar a comunicação a partir dos modos de viver, o que ocorre, justamente, por meio das mediações, que buscam o lugar, o contexto do emissor e do receptor. E são essas mediações que constituem os “(...) novos modos de interpelação dos sujeitos e de representação dos vínculos que unem a sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 225).” A dimensão do popular e das práticas da vida

cotidiana dialoga diretamente com os processos comunicacionais e os hábitos que permeiam o dia a dia do mundo do trabalho dos carregadores.

É nesse sentido que a filosofia da linguagem se mostra vital para compreender a própria existência humana. O sistema de signos materializa os conflitos da sociedade e na interação verbal ocorre a produção de sentidos, que gera um espaço de tensão. Segundo Bakhtin (2002), só se entende o lugar ocupado por um discurso quando há a confrontação. Todo discurso tem uma forma de identificar com quem se conversa pela materialidade discursiva. Cada visão de mundo se apresenta em um discurso próprio, que é o “(...) espaço da reprodução, do conflito ou da heterogeneidade (FIORIN, 1998, p. 45).”

A ideologia, que é constituída pela realidade e ela mesma constituinte da realidade, traz as contradições da luta de classes. Para Fiorin (1998), o discurso pode ser categorizado como um conjunto de enunciados marcados por duas formações: a ideológica, que é a visão de mundo voltada a certas condições materiais e de embates entre classes sociais; e a discursiva, que são os temas e figuras que expressam determinada formação ideológica.

A análise do discurso procede à compreensão das relações entre a formação discursiva e a ideológica na construção dos sentidos do discurso. Ela é responsável, ainda, por revelar as vozes dos sujeitos. Por sinal, somos sujeitos porque somos seres sociais que interagem por meio da comunicação (a noção do “eu”). Ao nos referirmos à ideia de sujeito, estamos nos atendo ao particular que é constituído socialmente (BACCEGA, 1995). De acordo com Baccega (1995), a subjetividade deve ser vista como o resultado da polifonia dos discursos recebidos na formação que circunda esse sujeito.

É isso que confere relevância à análise das entrevistas com os carregadores que, ao serem feitas, nos permitirá saber como a comunicação se constitui em um mecanismo primordial na manutenção das relações desses trabalhadores com os demais interlocutores da Ceagesp. Além disso, servirá também para verificar como os processos comunicacionais habitam e reconfiguram esse mundo do trabalho.

Segundo Nouroudine (2002), a atividade da linguagem, que é quem dá conformidade à comunicação, ocorre em três vertentes distintas: sobre, como e no trabalho. Essa distinção ajuda a identificar a ligação entre linguagem e trabalho e, conseqüentemente, capta o uso da língua do mundo do trabalho, o que é essencial para se entender a lógica em que estão inseridos os carregadores. Para o autor, “(...) ao tratar essa questão, a reflexão recairá, necessariamente, em um debate sobre as condições de

produção de saber, a partir de prospecções acerca das condições de produção simplesmente (NOUROUDINE, 2002, p. 18)”.

Para o autor, a linguagem como trabalho é realizada pelo sujeito para orientar o próprio trabalho e se dá no processo coletivo de produção que exige cooperação e diálogo porque faz parte da gestão do tempo do trabalho. A orientação da atividade laboral e a cooperação somente são oportunos se permitirem conciliar a saúde dos atores do trabalho e a eficácia no produto do trabalho. “A linguagem como trabalho não é somente uma dimensão, dentre outras, do trabalho, mas ela própria se reveste de uma série de dimensões (NOUROUDINE, 2002, p. 21).” Assim, todos os gestos, falas e sinais, gerados com o objetivo de realizar a ação, constituem parte do trabalho.

A linguagem no trabalho é a realidade constitutiva da situação de trabalho em que se desenvolve a atividade (NOUROUDINE, 2002). Os limites entre as recorrências da linguagem no e como trabalho são híbridos e representam também múltiplas dimensões para análise dessa linguagem onde se manifestam as relações, falas e emoções, evidenciando, inclusive, os aspectos históricos e sociais do ator e da realidade do trabalho. Assim, um trabalhador pode, na mesma situação, utilizar a linguagem no trabalho, enquanto outro estará utilizando a linguagem como trabalho.

Não há uma demarcação entre a linguagem como e no trabalho, mesmo quando se busca alcançar a linguagem sobre o trabalho. Aliás, essa última categoria é abarcada pelas falas do trabalho que são produzidas pelos próprios protagonistas da atividade: “(...) evoca-se o trabalho para comentá-lo ou avaliá-lo, para lembrá-lo, para se justificar, ou por mil razões surgidas no momento (NOUROUDINE, 2002, p. 25)”.

Os desafios de análise dessa triangulação são relevantes, principalmente devido à dificuldade que há para se identificar quando a linguagem assume as dimensões como, no ou sobre o trabalho ou mesmo quando se dá o entrelaçamento desses níveis. Essa verificação é essencial ao nos debruçarmos sobre as falas dos carregadores, já que auxilia na compreensão de como a atividade de trabalho se junta à comunicação para criar uma identidade profissional e pessoal.

Considerações finais

Levantamento preliminar executado por nós sobre textos acadêmicos correlatos aponta a incidência de conteúdos que referenciam a Ceagesp exclusivamente pelo viés da produção e, primordialmente, da comercialização de alimentos que circulam pelos

entrepostos e armazéns da companhia federal. O único estudo que abarca os carregadores, até o momento, baseia-se em um contexto de fluxo migratório¹⁵. Por isso, pelos elementos que trouxemos nesse artigo, ousamos acreditar que a presente pesquisa, que se encontra em sua fase final de elaboração, assume um papel relevante ao atribuir e qualificar o papel de cidadãos assumido por tais trabalhadores.

Para alcançar tal objetivo, consideramos a comunicação como fruto simbólico da atividade humana, formadora de um psiquismo específico, que é o do ser humano. Ela “(...) mobiliza (...) diferentes saberes (...) com o objetivo de conhecer o processo comunicativo e os modos de produção dos suportes e dos conteúdos comunicacionais, bem como a conexão, a relação, a dependência e a influência que sofrem, exercem e compactuam com e na sociedade (FIGARO, 2009b, p. 24).”

Aí é que conflui a importância do trabalho, que está relacionado à atividade humana. A ergologia é um dos elementos que vai nos permitir compreender a presença da dimensão das escolhas e dos valores na atividade de trabalho. Portanto, nesse sentido, trabalhar é “(...) gerir um conjunto de fatores presentes em um determinado momento e espaço, em benefício de um objeto a construir (FIGARO, 2009b, p. 36).” Em relação ao carregador, podemos dizer que ele se coloca, por inteiro, em sua ocupação laboral.

Ele põe em movimento a energia de seu corpo, seus sentidos, sua experiência física e intelectual – o corpo em relação ao meio, aos instrumentos e técnicas. Ele também aciona suas relações com o meio social, seus parceiros de trabalho, os colegas, os chefes e superiores. Convoca também as relações com seu grupo social: a família, o bairro, sua história de vida (FIGARO, 2009b, p. 35).”

Não devemos nos esquecer das contradições inerentes a toda atividade de trabalho. Isso é próprio da vida e potencializado pelo conflito existente entre as diferenças socioeconômicas, além da apropriação mercantil do trabalho, a exploração típica do capital e a desvalorização do próprio cerne do trabalho. A análise do discurso e as mediações estabelecidas pelos carregadores também são fundamentais para embasarmos, com maior exatidão, como acontece a imbricação entre a comunicação e esse mundo do trabalho tão peculiar.

¹⁵ Trata-se da tese de doutorado **O território de trabalho dos carregadores piauienses no Terminal da Ceagesp: modernização, mobilização e a imigração**, de autoria de Sueli de Castro Gomes, defendida em 2007 no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para uma melhora real das condições da atividade dos carregadores. Em que pese o papel do Sindicar, que consegue agregar a grande maioria dos trabalhadores, o cotidiano de trabalho árduo, braçal e aparentemente autômato lhes impõe uma tessitura social que os deixa amarrados ainda a condições precarizadas que, em pleno século 21, rememoram mais uma visão medieval.

Daí considerarmos fundamental que os resultados advindos desse estudo sejam diretamente apropriados por esses profissionais como forma de garantirem sua efetiva condição de cidadãos, com direitos de fato, e a conscientização de sua função social para que, inclusive, possam ter vez e voz em assuntos que extrapolam a mera atividade do dia a dia, mas que também lhes digam respeito, como a mudança de endereço do ETSP, que em algum momento há de acontecer.

Referências bibliográficas

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho** – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso**. São Paulo: Ática, 1995.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BONIN, J. A. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, A. E. et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BOURDIEU, P. Compreender. In: BOURDIEU, P. (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CEAGESP. **Ceagesp presta homenagem aos carregadores**. Disponível em www.ceagesp.gov.br. Acesso em 28 jun. 2018.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, seção 1, página 1, 18 out. 2017.

FIGARO, R. **Comunicação e trabalho** – Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita Garibaldi/Fapesp, 2001.

_____(a). Estudo de recepção e ergologia: novos desafios teórico-metodológicos. **Revista Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, E-Compós, volume 12, número 3, 2009.

_____(b). Comunicação e trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. **Mediaciones Sociales** – Revista de Ciencias Sociales y de La Comunicación. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, número 4, primeiro semestre de 2009.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1998.

GOMES, S. de C. **O território de trabalho dos carregadores piauienses no Terminal da Ceagesp**: modernização, mobilização e a imigração. 2007. Tese de doutorado – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2007.

ISER, F. Pesquisa exploratória: a relevância da aproximação empírica para as definições da pesquisa. In: MALDONADO, A. E. et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação** – Olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofícios de cartógrafo** – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (orgs.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002.

POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa** – Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. **Trabalho e ergologia** – Conversas sobre a atividade humana. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.